

COMUNICAÇÃO SOCIAL NA ESCOLA: RELAÇÕES E DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Natália Medeiros de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Sandro da Silva Cordeiro

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
natalia@nei.ufrn.br

Resumo: Este estudo destaca a relevância do profissional em Comunicação Social inserido no ambiente escolar, desvelando as possíveis funções a serem desempenhadas no contexto da Educação da Infância. Mostra a relevância de conhecermos os elementos constitutivos das mídias, promovendo para as crianças momentos de contato crítico e criativo com os aportes midiáticos. Evidencia as possíveis relações entre a comunicação e a educação e o modo como o Núcleo de Educação da Infância (NEI/CAP/UFRN) vem encarando a intervenção do comunicador social na instituição. Expõe as práticas desenvolvidas pelo NEI: registros fotográficos, divulgação da instituição em redes sociais, realização de intervenções envolvendo a produção de mídias em contexto educativo, dentre outras. Fundamenta-se nas ideias de Borges (2009), Freire (1977), Bévort e Belloni (2009), Thompson (1998), Poliscchuk (2003), Rego (1999), Rabaça e Barbosa (2001) e Moran (1994). A partir da experiência desenvolvida, reifica-se a importância do profissional de Comunicação Social na escola, uma vez que contribui para o desenvolvimento do processo comunicativo, tanto externo, com a difusão de informações relacionadas ao movimento vivenciado pela instituição, quanto internas, ligadas a produção de mídias com as crianças e professores.

Palavras-chave: Comunicação; Educação da Infância; Educação para Comunicação.

Introdução

O trabalho apresentado neste estudo vem sendo realizado pela bolsista de comunicação social do Núcleo de Educação da Infância – UFRN (NEI) em parceria com a coordenação pedagógica e professores da instituição, no período que compreende entre março de 2016 a abril de 2017, com as turmas de 1 a 4 da Educação Infantil e do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental. O objetivo é promover a “Educação para Comunicação” (MORAN, 1994) e, por intermédio da mídia-educação, contribuir para a formação de cidadãos conscientes e críticos acerca do conteúdo midiático que os cerca diariamente.

De acordo com Borges (2009), sugere-se que a educação se adeque às demandas da sociedade e se aproprie das oportunidades produzidas pelas mídias e tecnologia, estendendo sua atuação para fora da instituição, auxiliando assim, na construção de um cidadão independente e participativo. Assim como também é essencial e emergencial para a comunicação expandir sua maneira de trabalhar: é fundamental que o jornalista procure colaborar com o desenvolvimento do cidadão e com a transformação do corpo social. Bévort e Belloni (2009), referenciam a importância da Mídia-educação na escola, pois o mundo se encontra cercado pela comunicação e isso não é diferente com as crianças. Pelo contrário, eles são indivíduos ainda em formação e mais suscetíveis à exposição midiática.

Faz-se necessário, então, que a educação seja a mediadora desse contato a fim de construir um cidadão crítico, que compreenda os significados do processo comunicacional e possa também agir como produtor de mídias, deixando de ser apenas um consumidor ou admirador. Nos referenciamos nas ideias de Sarmiento (2010), que considera a criança como um indivíduo criador de cultura, com suas próprias capacidades e habilidades, considerando-a, na esfera social, como protagonista de suas próprias ações. Também de acordo com Freire (1977), a educação não deve estar à parte das condições socioculturais dos educandos. No entanto, essa transformação ainda não foi totalmente concretizada no Brasil e muitos educadores continuam demonstrando receio de adotar tais mudanças.

O NEI, segundo Rego (1999), diferentemente de uma grande parte das escolas brasileiras, reconhece o quanto a participação das crianças se faz necessária no processo de aprendizagem, transformando a educação de forma verdadeiramente libertadora. A instituição está constantemente trabalhando para permitir que comunicação recíproca esteja sempre presente no dia a dia escolar. Esse pensamento aplicado no Colégio de Aplicação da UFRN, contribui significativamente para que a Educação para Comunicação possa ser desenvolvida na instituição.

Conceituações sobre Comunicação

Corroborando com Freire (1977), comunicação é uma ação dialógica praticada pela sociedade em que vivemos. Esse procedimento caracteriza-se pelo diálogo recíproco entre dois ou mais homens, que interagem entre si através de signos linguísticos, aplicando e compreendendo seus significados. “O que caracteriza a comunicação enquanto este comunicar comunicando-se, é que ela é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo” (FREIRE, 1977, p. 67). Ainda de acordo com o autor, para concretizar o processo de comunicação, necessita-se de um indivíduo que racionalize, um objeto a ser refletido e a mediação do pensamento, a fim de transmitir sua ideia para o outro ser pensante. Ainda mais necessário que os demais elementos, também é preciso que haja a coparticipação de outro sujeito consciente, caracterizando assim, a relação dialógica, na qual a fala dos sujeitos envolvidos pode ser compreendida e retribuída.

Sendo a comunicação um fruto da consciência pensante de uma ou mais pessoas, ela pode ser considerada como um elemento de humanização do indivíduo. Pois o fato de raciocinar, agir e falar, implica diretamente no conceito que conhecemos como humanidade. Ela se torna, portanto, a mediação entre esses homens que também vivem dessa forma, possibilitando a

relação com seus semelhantes. O ato de comunicar está ligado a capacidade que os humanos têm de interagir com seu meio, ou seja, só é possível comunicar se sabemos que alguém irá entender e dialogar acerca do que foi dito.

Não existe comunicação se não houver o diálogo recíproco entre os sujeitos. Seu elemento primordial é a linguagem e o processo comunicativo exige a compreensão mútua da mensagem que foi enunciada, criando por meio da expressão verbal, um significado comum entre ambos os indivíduos. Da mesma forma, se não há interpretação mútua do significado dos signos, não é possível estabelecer essa conexão. O signo precisa fazer sentido no contexto do interlocutor e precisa ter um significado semelhante para ambos, caso contrário, a mensagem se tornaria um mero comunicado sem conteúdo, ilegível para quem ouve, comprometendo e até inviabilizando o ato comunicativo.

Este processo não pode se abster do contexto sociocultural dos comunicadores, visto que o pensamento desses indivíduos sempre estará voltado para a realidade em que estão inseridos e isso influi consideravelmente no significado que eles dão ao signo que irão proferir. A relação, segundo Freire (1977), será sempre entre raciocínio-linguagem-realidade. Direta ou indiretamente, o ambiente em que o homem está inserido, pode modificar o significado da palavra no momento de expressar-se. Não estar a par dessa conjuntura no momento da comunicação, poderá comprometer a eficiência do diálogo e dificultar a compreensão da mensagem.

Funções do comunicador social e definição de meios de comunicação

Se voltado principalmente para a concepção daqueles que são formados nas universidades de Comunicação Social, pode-se entender o ato de comunicar como algo dissemelhante e bem mais abrangente do que uma simples prática de técnicas profissionais ou intervenções através de ferramentas tecnológicas. O comunicador deve ser apto a analisar o distanciamento entre “o que deve ser a Comunicação Social e o que, efetivamente, é” (POLISCTCHUK, 2003, p. 13), pensando de forma crítica e autônoma acerca do processo comunicacional.

Polisctchuk (2003), ainda fala que o dever do comunicador social é intervir, como profissional, em tudo que estiver relacionado à Comunicação e que sua performance dependerá, diretamente, de seu discernimento crítico e sua responsabilidade ética. Seu compromisso primário é com a veracidade das informações, sempre se preocupando em transmitir tudo aquilo que for categorizado como sendo de “interesse público”. A mídia (ou meios de comunicação) é um produto de caráter discursivo do processo comunicacional encarregado de obter retorno

da informação disseminada e transmiti-la à sociedade em forma de cultura. No qual, o comunicador tem a função de comunicar e age como uma “correia de transmissão” entre o universo da informação (que o forma) à população (à qual deve servir) (POLISCTCHUK, 2003). Espera-se também que esse profissional tenha o conhecimento prático e teórico sobre instrumentos que o possibilitem solucionar as mais diversas demandas comunicacionais.

De acordo com Rabaça e Barbosa (2001), a mídia pode ser considerada um “veículo de informação” no qual acontece o transporte de mensagens entre emissor e o interlocutor. O suporte que veicula essas mensagens por meio do espaço e do tempo é chamado de “canal” e é dividido entre canais naturais ou sensoriais (onde o indivíduo é o interlocutor direto da informação) e canais artificiais ou técnicos, que se classificam em espaciais (que conduzem a mensagem de um local a outro através de ondas eletromagnéticas, como o rádio, a televisão e a internet) e os temporais (que transmitem de uma data a outra através de gravações ou impressões, como livros, CDs, fotografias e cinema). Também existe outra forma de caracterizar os principais tipos de mídias que comumente encontramos na sociedade moderna. Elas podem ser divididas a partir da sua essência semiótica e do mecanismo pelo qual o receptor irá decodificar a informação. Segundo Beltrão e Quirino (1986), elas podem ser distintas entre as categorias de gráfico-visuais, sonoro-auditivos, audiovisuais e plástico-táteis. Araujo (2007), ainda divide os meios de comunicação de outra forma:

A seguir, aparecem os meios normalmente considerados como meios de comunicação, divididos em três grandes grupos: os meios impressos (livro, jornal, revista, histórias em quadrinhos, fotonovela, cartaz, outdoor), os meios audiovisuais (fotografia, disco, rádio, cinema, televisão e vídeo) e os meios digitais (computador, CD-ROM, internet, multimídia, DVD). (ARAUJO, 2007, p. 25)

Esses meios, conforme mencionado por Thompson (1998), possuem três atributos. O primeiro deles é o grau de fixação da mensagem, ou seja, a fala de uma conversa tem uma conservação menor do que aquela que foi escrita em um livro e, esta, ainda é menor do que aquelas que foram escritas nas pedras da era pré-histórica. O segundo atributo é o grau de reprodução da mídia, como por exemplo, o advento da impressão em larga escala facilitou a reprodução das mídias escritas, propagando sua atuação.

O terceiro atributo está relacionado ao tipo e ao tamanho da participação que o meio oportuniza ou exige, dos sujeitos envolvidos com seu uso. Em outras palavras, isso significa que os processos diferentes, apresentam também demandas diferentes. Tendo como exemplo o caso do livro e do rádio, que para transmitir suas mensagens, necessitam de fatores distintos de

seus interlocutores (como a alfabetização necessária para o impresso, mas dispensável para o outro veículo). Ainda de acordo com o autor, existem três “tipos de situação interativa criados pelo uso dos meios de comunicação” (THOMPSON, 1998, p. 78). A primeira situação é aquela em que os indivíduos estão presentes no mesmo tempo e espaço e conseguem alternar com facilidade entre os papéis de emissor e receptor, por meio do diálogo. O segundo tipo de interação é a comunicação mediada que necessita de algum instrumento para consolidar-se, pois os sujeitos não se encontram no mesmo espaço ou tempo. Apesar de ainda preservar a dialogicidade da primeira situação, o segundo promove o afastamento e limita as possibilidades comunicativas. Para ilustrar o caso, podemos usar como exemplo as mensagens instantâneas ou ligações telefônicas.

O terceiro caso, também conhecido como comunicação de massa, é a “quase interação mediada”, estabelecida por meios como jornais, televisão e rádio, caracterizados por uma relação predominantemente monológica, na qual o movimento da informação é constantemente unilateral (emissor > mensagem > receptor). Com a chegada da internet, a possibilidade de feedback entre o interlocutor e o emissor dessas mídias, aumentou consideravelmente. Por isso, até mesmo nessa terceira situação, a comunicação pode ser estabelecida por meio do diálogo mútuo. Podemos destacar, ainda, outra maneira de classificar os meios de comunicação. As mídias podem ser categorizadas de acordo com o tipo de recepção da mensagem, como explica Araujo (2007):

Os veículos de comunicação primários são aqueles que permitem que as pessoas se comuniquem sem instrumentos mediadores, são os meios de contato direto entre as pessoas. O primeiro desses meios é a linguagem. Os veículos secundários surgem posteriormente e possibilitam a interação entre pessoas mediante o emprego de tecnologias na produção das mensagens. Em primeiro lugar, são considerados os meios impressos. Por fim, os veículos terciários, surgidos após os demais, consistem em sistemas tecnológicos que precisam de instrumentos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor, como no caso do rádio e da televisão. (ARAUJO, 2007, p. 5 e 6)

Em suma, a comunicação social se estabelece quando, por intermédio de algum meio, a mensagem é passada adiante. Ou seja, a comunicação é toda interação dialógica de dois ou mais indivíduos por meio da própria linguagem, ela que abrange todos os processos comunicacionais. Mas, a comunicação social em si, necessita de um intermediário entre o emissor e o receptor.

O comunicador social no espaço educativo

O ato de comunicar caracteriza-se pela reciprocidade e participação no processo de conhecimento e de comunicação. Ou seja, as duas áreas já estão relacionadas desde sua concepção. “A educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p. 69). Freire (1977), descreve a educação como um processo comunicacional baseado em diálogos recíprocos entre os educandos e educadores, levando em consideração a contexto sociocultural e histórico do discente. A ideia errônea de que a educação se caracteriza pela transferência de conhecimentos é, na verdade, um obstáculo para o desenvolvimento de cidadãos ativos e participantes. Segundo o autor, o professor deve dialogar reconstruindo o ato de conhecer, ele deve problematizar e levar o outro a pensar e também questionar acerca do conteúdo proposto, ao contrário de entregar nas mãos da criança, como se fosse algo já elaborado e imutável.

A problematização é necessária, visto que proporciona o diálogo entre ambas as partes e garante o envolvimento da criança, despertando seu pensamento crítico e abrindo as portas da sua criatividade. Esses questionamentos devem ser feitos no âmbito da realidade vivenciada pelos indivíduos, situações reais, concretas ou conteúdos intelectuais sobre o que também lhe é existencial. A educação, por ser baseada em uma comunicação, não deve ser unilateral. A relação dialógica entre professores e alunos proporciona também, segundo Freire (1977), a aprendizagem para os dois lados: o educador também pode aprender com seu educando. O autor pede, em seu ensaio, que os docentes não se atenham apenas a explicações “sonoras, repetidas e mecanizadas” (FREIRE 1977).

Para a educação ser realmente libertadora e transformadora, ela deve ser humanista, deve-se levar em consideração o contexto sociocultural em que o indivíduo está inserido. Para Sarmiento (2010), a criança também é um ser consciente, portanto, seus conhecimentos prévios e capacidades não devem ser subestimados. Visto que a educação é um processo comunicacional e o jornalista, como comunicador social, deve ser capaz de reconhecer a diferença entre como a Comunicação deve ser, entre como realmente é, além de poder intervir (POLISCTCHUK, 2003), em ambientes comunicativos que necessitem desse amparo, nada impede que o mesmo busque desenvolver projetos educativos a fim de melhorar a comunicação das escolas e universos educativos. O jornalista deve colaborar com o desenvolvimento do cidadão, assim como deve contribuir com a transformação do corpo social, e essa é uma das maneiras de fazê-lo (BORGES, 2009).

Atualmente, o cotidiano das crianças é cercado por novas tecnologias que se renovam diariamente e, conforme mencionado por Borges (2009), a integração entre os meios de comunicação e tecnologias na educação já está acontecendo. O abismo entre a escola tradicional e a realidade vivida pelos educandos fora dos muros da instituição, só cresce a cada dia que passa. Embora muitas escolas ainda tenham receio de reformular suas práticas, esse assunto não deve ser ignorado. Essas mídias podem ser comparadas a um “meio de transporte”, elas transmitem mensagens e, todos os dias, milhares de crianças são expostas a elas sem qualquer cuidado. No entanto, esses meios têm suas próprias distinções: “os meios não são neutros em relação àquilo que veiculam; eles moldam as mensagens à sua própria imagem, isto é, às suas características” (ARAÚJO, 2007, p. 2). Sobre essa relação entre a mídia e o conteúdo que é transmitido por meio dela, Ribeiro e Batista (2010), ressaltam:

Por estarem sempre presentes no dia a dia das crianças e serem regidos por questões de interesse, principalmente das organizações, os meios de comunicação, por vezes, são vistos como vilões sutis que influenciam as crianças a praticar aquilo que veem na televisão ou na internet, por exemplo. (RIBEIRO; BATISTA, 2010, p.3)

Os meios de comunicação são capazes de ressignificar e retransmitir valores sociais de acordo com esses interesses e a população é diariamente bombardeada com esse tipo de informação, muitas vezes deixando-se influenciar. Com as crianças, não seria diferente. Pelo contrário, muitas vezes elas não têm o discernimento necessário para entender com autonomia aquilo que está sendo veiculado. De acordo com Moran (1994), se a instituição prepara a criança para viver, a escola também deve orientá-lo a receber, da melhor maneira possível, a imensidão informativa com a qual ele se depara em seu dia a dia - independentemente da proibição dentro do ambiente escolar.

Diante destas demandas, se faz necessário que aja nas escolas um especialista na área de comunicação que possa mediar esses contatos com a mídia, de forma que o educando não fique simplesmente exposto a esses meios, mas consiga dar significância e significá-los de forma crítica e autônoma. Podemos fazer das mídias nossas aliadas nesse universo educativo, ou continuar tratando com desdém o processo educativo que acontece fora dos muros da instituição, competindo a atenção da criança com os meios que tanto as atraem e estão presentes diariamente em seu contexto sociocultural.

Educação para Comunicação

Os meios de comunicação, segundo Moran (1994), refletem, resinificam e transmitem o que se torna relevante na sociedade, transformando-se, na prática numa “escola” de educação informal, que atrai a criança de forma voluntária. Portanto, é bem mais valioso para a educação transformar a comunicação e suas mídias em aliados do que ignorá-los ou tratá-los como inimigos. Esse é um grande desafio para a educação brasileira, mas os meios não precisam ser tratados como “inimigos” do aprendizado. Se um profissional responsável por essa área mediar esse contato, agindo como facilitadores no processo comunicacional, a experiência poderá ser bem mais proveitosa no ponto de vista da educação.

A escola pode, e necessita o quanto antes, solidificar sua relação com os meios de comunicação. Além disso, deve-se manter em mente também o próprio significado de Comunicação, como conceituado por Freire (1977) e, através do diálogo recíproco e democrático, quebrar a tradicionalidade na relação professor/aluno. Dessa forma, será possível estabelecer um processo comunicacional menos dogmático e mais participativo, possibilitando que aconteça a transformação necessária na educação.

Moran (1994), destaca três importantes possibilidades de relação entre Comunicação e Educação e como desenvolver os meios no ambiente escolar:

- a) *Os meios podem ser usados como motivação do conteúdo de ensino:* Com o surgimento de um novo tema de estudo, pode-se utilizar alguma das mídias como pesquisa prévia ou gatilho para discursão e análise, como recortes de revistas ou jornais. Sugere-se também fazer um levantamento das informações midiáticas mais recentes sobre o assunto em questão, fazer um debate participativo ou mesmo um mural sobre o que estiver acontecendo. Audiovisuais também podem ser usados para apresentar o novo objeto de estudo e ainda é possível pedir as crianças que façam uma análise posterior sobre o que foi discutido. Dessa forma, a iniciação ao assunto se tornará mais dinâmica, atraindo o interesse do educando.
- b) *Os meios podem apresentar os próprios conteúdos de ensino:* É comum a utilização de mídias com o objetivo de disseminar conteúdos previamente organizados, como vídeos educativos, por exemplo. É importante salientar que esse tipo de relação com os meios, não substitui a presença do professor, mas sim, o auxiliam nessa tarefa de educar para um pensamento mais analítico.
- c) *Os meios podem ser o conteúdo de ensino:* Nessa concepção, podemos incluir o estudo e produção das mídias como uma disciplina específica ou incluí-la em um contexto já existente dentro da escola. Tornar os meios de comunicação um objeto de análise, facilitará a construção da percepção crítica do aluno, fazendo com que ele consiga filtrar a informação midiática que recebe diariamente. Além disso, a produção desses meios no ambiente escolar, poderá

possibilitar o fortalecimento de sua autonomia, tornando-o não apenas um consumidor, mas também produtor de conteúdo midiático. É possível utilizar esse recurso das mais diversas formas e usando variadas linguagens, como o audiovisual e a escrita, por exemplo. Dessa forma, as crianças poderão aprender e executar novas linguagens, deixando-os mais entusiasmados e instigados durante o processo.

O objetivo dessa conexão, não é que a educação para comunicação se torne o epicentro, mas não deixar que o tema fique de escanteio, como acontece em muitas escolas. Ainda em seu estudo, Moran (1994), propõe a existência do Educador para Comunicação: um profissional que ajude a desenvolver na instituição a preocupação com a comunicação social e com as mídias. Esse especialista pode ser, por exemplo, um comunicador com experiência na área da Educação. Suas principais funções são: assessorar as escolas no uso das mídias como apoio didático e também como produção de novas linguagens; estabelecer processos comunicacionais democráticos e participativos dentro da instituição escolar; auxiliar os docentes no enriquecimento didático, referente ao uso dos meios; incentivar tanto a produção de audiovisual quanto a mídia escrita; discutir com a instituição a melhor forma de apontar a Comunicação como questão de estudo; dar suporte à política cultural do local e também organizar tarefas e projetos envolvendo a comunicação; preservar um acervo do material midiático produzido e também do material que pode ser usado para suporte pedagógico, além dos registros das atividades desenvolvidas; ser a ponte entre a escola e a sociedade, divulgando suas ações para os pais e população geral.

Moran (1944), ainda destaca a importância desse profissional que deverá permanecer vigilante acerca dos processos comunicacionais no ambiente escolar. Segundo Poliscchuk (2003), o comunicador social deve ser capaz de reconhecer um sistema de comunicação inadequado. Por isso, o Educador para Comunicação, precisa desfazer os mecanismos unilaterais existentes na educação tradicional. Esse especialista deverá promover a reflexão sobre a comunicação como um todo e como a relação professor/aluno pode se beneficiar, se conseguir apropriar-se dessas práticas.

O comunicador social no NEI – CAP/UFRN

O Núcleo de Educação da Infância (NEI – CAP/UFRN) é referência nacional em termos de inovação no ensino. A escola atende desde o berçário até o 5º ano do Ensino Fundamental, oferecendo vagas para crianças da comunidade em geral. Além disso, o NEI oferece todo o apoio e suporte necessário para graduandos da UFRN que desejem cumprir estágio

supervisionado ou elaborar projetos de pesquisa e extensão – tornando-se um laboratório de prática para muitos alunos. Frequentemente também, a própria instituição promove eventos e cursos de extensão ou aperfeiçoamento para docentes e alunos da graduação e pós-graduação.

Nesse contexto, ressaltamos a metodologia de ensino aplicada no Núcleo de Educação da Infância, intitulada de “Tema de Pesquisa”. Por meio dela, a dinâmica pedagógica é viabilizada no NEI, tendo como objetivo, segundo Rego (1999), articular três aspectos principais: o contexto sociocultural das crianças, o nível de desenvolvimento do grupo e os conhecimentos construídos no decorrer da história da humanidade. Nessa opção metodológica, a criança tem direito de sugerir ao professor o assunto sobre o qual deseja aprender, mostrar quais são suas dúvidas e curiosidades, cabendo ao professor filtrar todas as sugestões até chegar ao assunto que tenha mais relevância para o grupo.

Ao contrário das escolas convencionais, no NEI, a criança é vista como sujeito ativo, que produz cultura, que participa com autonomia do seu processo de construção de aprendizagem. O Colégio de Aplicação da UFRN foge à regra da maioria das escolas que desconsideram esse contexto sociocultural das crianças, além de ser um modelo no uso de mídias e tecnologia em sala de aula. Neste contexto, o Núcleo de Educação da Infância torna-se um ambiente propício para o desenvolvimento da Mídia-educação (componente que já se faz presente no currículo escolar da instituição) e a Comunicação para a Educação.

O bolsista de Comunicação Social do NEI - CAP/UFRN é uma conquista recente da instituição. Sua existência deve-se ao fato de reconhecemos a importância desse profissional na escola, o qual deverá atuar em diversas frentes que envolvem diretamente os processos de comunicação no ambiente escolar. O bolsista desenvolverá suas atividades dando um suporte aos coordenadores de ensino, de pesquisa e de extensão. No ano de 2015, experimentamos a existência desse aluno em formação. Com base nessa experiência prévia, foram organizadas algumas atribuições iniciais a serem desempenhadas no decorrer das 20 horas semanais.

- Alimentar/atualizar as redes sociais da escola – Facebook e site do NEI – inserindo informações a respeito dos últimos acontecimentos vivenciados;
- Fazer a cobertura dos eventos (fotografar/filmar) realizados pela escola, sejam eles de grande porte, ou mesmo aqueles realizados pelas turmas. Essa cobertura deverá ser inserida nas redes sociais da escola, utilizando-se as imagens coletadas e produção de matérias;
- Construir, junto com professores e coordenadores, projeto voltado para a Radio na Escola;
- Auxiliar os professores na produção de audiovisuais e podcasts, realizando o trabalho de captura das imagens/áudios e posterior edição desses materiais;

- Contribuir, quando solicitado pelos professores/coordenadores, de atividades de formação junto às crianças, na qual as discussões sejam relacionadas as mídias na educação;
- Participar do projeto de extensão Formação docente, mídias e tecnologias na Educação da Infância, que visa contribuir para a formação dos professores nesse campo teórico;
- Ajudar os coordenadores na produção de e-books, contendo os relatórios/artigos produzidos pelos professores do NEI.

Considerações finais

Os principais resultados das práticas relatadas, nos mostram o quanto a alfabetização midiática vinculada a coparticipação do aluno na construção dos saberes e ao fato de entender a criança como um sujeito produtor de cultura, considerando o protagonismo infantil, podem ser benéficos para o processo de aprendizagem. Da mesma maneira que a aplicação dessas atividades desperta o interesse e a motivação dos educandos, tornando a ação muito mais aprazível e aumentando também o seu grau de engajamento. Além disso, também podemos destacar a importância da existência de um profissional da comunicação dentro das escolas, visto que seu campo de atuação não se restringe apenas aos veículos midiáticos. O comunicador social pode contribuir significativamente para a melhoria no processo comunicacional dentro da instituição escolar, seja por meio de projetos na área da mídia-educação ou mesmo fazendo uma ponte entre a instituição e a comunidade externa.

Mesmo assim, nosso estudo deparou-se com alguns entraves que devem ser mencionados como forma de procurar uma melhoria para essa situação: a manutenção dos equipamentos necessários para o trabalho nem sempre é feita corretamente, o que atrapalha bastante o andamento dos projetos e até mesmo a rotina jornalística. Também há uma necessidade eminente em adquirir alguns equipamentos, o que acaba comprometendo a qualidade do trabalho com as mídias. Bem como existe uma indispensabilidade em contemplar momentos que privilegiem a comunicação no calendário escolar, como por exemplo, atividades e eventos nos quais as crianças possam se dedicar melhor ao assunto.

Este trabalho buscou comprovar o quanto as áreas da Educação e Comunicação estão relacionadas. A ponte entre os dois mundos é perfeitamente possível de ser construída, basta que as escolas e os próprios comunicadores busquem esse elo. As ações desenvolvidas nos mostram que é possível realizar esse trabalho através da Mídia-educação e que essa integralização não é impossível de ser alcançada. Ademais, essa integração entre os campos da Comunicação e Educação no NEI/Cap/UFRN, possibilita tanto aos professores quanto

bolsistas envolvidos, uma ampliação de seus conhecimentos, abrindo seus olhos para grandes horizontes e possibilidades que essas suas áreas juntas podem lhes proporcionar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Carlos Alberto Avila. **Problematizando o conceito de “meio” de comunicação**. E-COM. Belo Horizonte: v. 1, p. 16-44, 2007.

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BEVORT, Evelyne and BELLONI, Maria Luiza. **Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas**. Educ. Soc. [online]. 2009, vol.30, n.109, pp.1081-1102. ISSN 0101-7330. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302009000400008>>. Acesso em 15 de outubro de 2016.

BORGES, Queila Cristina Goes. **Educomunicação e Democracia na Escola Pública**. 2009. 257 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2009.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: A Linguagem em Movimento**. São Paulo: Senac, 2000.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

MORAN, José Manuel. **Os Meios de Comunicação na Escola**. Série Ideias n.9. São Paulo: FDE, 1994.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. Introdução. In: ____ **Teorias da Comunicação: O pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RIBEIRO, Ana Caroline; BATISTA, Aline de Jesus. **A influência da mídia na criança / pré-adolescente e a educomunicação como mediadora desse contato**. I Encontro de História da Mídia da Região Norte. Palmas, 2010.

RÊGO, Maria Carmem Freire Diógenes. **O Currículo em Movimento**. Caderno Faça e Conte. Natal: EDUFRN, Nº 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e alteridade: interrogações a partir da Sociologia da Infância**. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 26, n. 91, p. 361-378, Maio/Ago. 2005.

THOMPSON, John Builders. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.